

SUAS “RAZÕES” REVELAM SUAS EMOÇÕES?¹

Lucas Gonzaga Jr.²

Você se considera uma pessoa mais racional ou mais emocional? Esta pergunta certamente já esteve presente de alguma maneira em diversos momentos de nossa vida. Ela parece simples e prática, não revelando claramente que contém uma forma de entender o ser humano. Inserida nela temos uma visão do homem surgida durante um período da história, o Iluminismo, no século XVII, quando mudanças sociais, econômicas e políticas criaram condições para o desenvolvimento da ciência e das transformações ocorridas no mundo ocidental a partir daí.

Vamos utilizar como exemplo para nossa questão um dos mais influentes pensadores Iluministas, o francês René Descartes, autor da célebre frase “Penso, logo existo.” Descartes era um gênio da matemática, inventou a geometria analítica, e seu trabalho é marcado por uma busca da certeza e da verdade mensurável. Ele influenciou toda a metodologia científica e a maneira de pesquisar e interpretar os resultados. Descartes defendia a idéia que as emoções humanas são um elemento que prejudica o entendimento correto da realidade. O escritor Bryan Magee, conceituado autor sobre a história da filosofia, cita a influência de Descartes no pensamento racionalista, caracterizado “na crença de que nosso conhecimento do mundo é adquirido pelo uso da razão, e que os dados dos sentidos são inerentemente duvidosos, mais uma fonte de erro do que de conhecimento”.

A noção de que o uso da razão nos levaria à solução de nossos problemas esteve a partir daí presente na cultura ocidental, de forma mais explícita na ciência ou simplesmente envolvida em processos educacionais e comportamentos comuns. Assim, para que a razão estivesse em primeiro plano, a emoção foi colocada na “sombra”. As pessoas que expusessem mais suas emoções ou, pior ainda, as colocassem como fator de influência em suas decisões, corriam o risco de não serem levadas muito a sério, como se a decisão “mais emocional” fosse uma decisão de segunda ordem. Isto ocorreu de diversas formas em todos os âmbitos da sociedade, como empresas, escolas e famílias, moldando de forma discreta, mas profunda, nossa forma de agir.

¹ Texto integrante do livro “E se o pára-quedas não abrir?”. Publicado na Revista *Crescimento Pessoal e Motivação* em abril/2004.

² Economista e Psicólogo, Especialista em Gestão Empresarial. Autor do livro “E se o pára-quedas não abrir?”

Passamos agora para um exemplo do final do século XX, que sintetiza um rico debate para a revisão da influência do pensamento dualista (razão x emoção) em nossa forma de ver o ser humano. O neurologista e cientista Antonio Damásio escreveu dois livros (“O Erro de Descartes” e o “Mistério da Consciência”), onde apresenta uma série de hipóteses, apoiadas por casos clínicos, que demonstram a interação da razão e da emoção na formação do comportamento humano. Damásio apresenta exemplos de indivíduos que tiveram lesões cerebrais em áreas responsáveis pela percepção e interpretação de emoções, mas que deixaram intactas áreas primordialmente utilizadas para o raciocínio e a memória. Essas pessoas podiam resolver uma série de problemas matemáticos e testes objetivos mas, ao mesmo tempo, elas se tornavam incapazes de tomar decisões que envolvessem a subjetividade, algo em que elas estivessem envolvidas, por mais simples que fossem as questões.

As conclusões de Damásio são de que, quando certas áreas do cérebro responsáveis pela interpretação das emoções são danificadas, o indivíduo não tem plenos recursos para tomar decisões que o envolvam. Ele propõe em “O Erro de Descartes” que “ a razão pode não ser tão pura quanto a maioria de nós pensa que é ou desejaria que fosse, e que as emoções e os sentimentos podem não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, podendo encontrar-se, pelo contrário, enredados nas suas teias, para o melhor e para o pior (...) Mesmo depois de as estratégias de raciocínio se estabelecerem durante os anos de maturação, a atualização efetiva das suas potencialidades depende, provavelmente, em larga medida, de um exercício continuado da capacidade para sentir emoções.”

O que Damásio diz, em outras palavras, é que quando nossa capacidade para lidar com as emoções se abala, seja por que motivo for, nossa razão fica comprometida. Para ilustrar com uma analogia bastante simples, seria como termos um carro com motor em ótimo estado (razão) e colocarmos combustível ruim (emoção), o que impediria o motor de cumprir bem sua função. De diversas formas, com inúmeras teorias e abordagens, a psicologia e a psicanálise alcançam bons resultados no auxílio às pessoas a partir do momento em que estas percebem que suas razões, seus objetivos e suas idéias surgem por forças originadas em necessidades puramente emocionais.

Damásio é apenas um entre muitos profissionais das diversas áreas do conhecimento, com reconhecimento internacional, que trilham um caminho para acabar com a dualidade entre razão e emoção, tão entranhada em nossa forma de ser e pensar, fruto de uma forte herança cultural. Uma mudança que busca uma visão integrada de razão e emoção não deve ser confundida com algumas propostas “alternativas”, que “jogam a razão para o alto” e quase nos levam de volta à idade

média. Um conceito consolidado ao longo de trezentos anos de história encontra resistências significativas e sua mudança demanda tempo, além de seriedade. Assim, a busca de uma alteração do padrão racionalista de entendimento do homem parece estar ainda no começo, com muitos desafios para enfrentar e perguntas para esclarecer.

Independentemente da velocidade com que as áreas do conhecimento podem nos trazer novas formas para entender nosso comportamento, nossa implicação pessoal para tentar rever questões ligadas às nossas “razões” pode se transformar em práticas construtivas e gratificantes. A questão que nos importa individualmente é: quanto de nossa razão e nossas certezas estão em sintonia com nossas emoções? Quantos de nossos objetivos estão sendo buscados sem uma sintonia adequada com nossos sentimentos, com um alto custo emocional, muitas vezes somente para não mudar o que já “parece” conveniente? Estas perguntas não podem ser respondidas com total clareza, exatamente porque razão e emoção não podem ser desconectadas. Entretanto, se pudermos perceber algum ponto, por mais simples que pareça ser, e nos empenharmos em alterá-lo, temos um início que pode se desdobrar em novas questões e descobertas. Quais sentimentos sustentam suas razões? Se pensar demais para responder, já racionalizou sua resposta...

O presente texto é protegido pela Lei de Direito Autoral (lei 9610/98, artigo sétimo) e somente poderá ser veiculado, divulgado ou difundido com a citação do nome do autor e sem modificações. Proibida a utilização comercial ou econômica do texto sem a prévia e expressa autorização do autor. Contato com o autor: contato@lucasgonzagajr.com.br ou www.lucasgonzagajr.com.br